

EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO: OBSERVAÇÃO DE FENÔMENOS PSICOSSOCIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

MARIANA DA ROSA GENSKE¹; LAÍS VARGAS RAMM²

¹ Universidade Federal de Pelotas – marigenske@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – laisramm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é baseado na experiência de estágio básico I, do curso de Psicologia da UFPEL, que tem enfoque em psicologia social e foi realizado em uma escola municipal do sul do Brasil. A psicologia Social de acordo com SILVIA LANE (2006) é um estudo daquilo que influencia o sujeito socialmente.

Abordamos neste trabalho a escola como uma instituição social, discutindo as experiências vivenciadas nesse ambiente. Alguns temas que circulam em torno da instituição escola aparecem como relevantes durante o estágio e serão brevemente abordados aqui, são eles: disciplina, machismo, saúde mental, sofrimento docente e discente, elementos que fazem parte da sociedade mais amplamente e do ambiente escolar também. Será abordado em conjunto o projeto de intervenção construído durante o estágio e o processo que levou a sua elaboração.

2. METODOLOGIA

O estágio era realizado toda terça-feira durante o horário da manhã (horário das turmas do 6º ao 9º ano). Em geral eu observava o ambiente e o comportamento das pessoas que frequentavam a escola, sem propor intervenções, mas algumas vezes também conversei com professores e alunos a fim de entender melhor a dinâmica da escola.

Utilizei um diário de campo, para anotar tudo que chamou atenção ou que me pareceu importante durante os dias de observação. As anotações, impressões e memórias eram levadas para a supervisão, parte importante do estágio, onde tudo o que observei fazia sentido, pela articulação da experiência vivida na escola com as teorias que explicam tais fenômenos sociais observados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os primeiros dias de observação, pude refletir sobre o conceito de disciplina. Ao observar percebi que não era uma escola com regras muito rigorosas, porém mesmo em um lugar pouco rígido há disciplina e hierarquia assim como sugere MICHEL FOUCAULT (1999) em “Vigiar e punir”. O autor descreve o militarismo como uma instituição que tem como base a hierarquia, a punição de todos quando apenas um fez algo errado (fazendo com que o todo o conjunto também queira punir esse indivíduo). A liberdade é restrita a poucos momentos, para não gerar rebeliões, elogia-se aquele que obedece e o oferece-se de exemplo ao grupo. O autor também fala que o militarismo está presente em outras instituições, incluindo a escola, porém de maneira sutil para que seja mais aceitável pela população.

Na escola o mecanismo da disciplina apareceu articulado ao machismo. Observei como alguns alunos não respeitavam a autoridade de funcionárias mulheres da mesma forma que respeitavam os homens. Muitas vezes as professoras tinham que levantar a voz para serem ouvidas, e se gritavam demais eram consideradas

grosseiras. O artigo “A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia” por WELZER-LANG (2001) discorre sobre como os homens historicamente foram criados para perpetuar o comportamento de dominância, pois a desigualdade atua de maneira que os homens tenham vantagens a partir das desvantagens das mulheres, dessa forma para continuar tendo seus privilégios, eles devem permanecer dominantes.

Também foi significativo durante as observações o sofrimento dos professores, que se sentiam frustrados por seu jeito de dar aula não atrair aos alunos e por não se sentirem reconhecidos por eles. Além disso, naquele momento seus salários estavam atrasados, o que poderia intensificar o sentimento de desvalorização e gerar estresse pela sua situação econômica. Segundo LAPO E BUENO (2003) os pedidos de exoneração da docência, vêm das frustrações de quando o professor percebe que o gasto das energias para realizar o trabalho não será condizente com os resultados, tanto no sentido salarial quanto no reconhecimento de seu trabalho pelos alunos ou até mesmo pelos outros profissionais da escola.

Já o sofrimento discente origina-se do lado de fora da escola, a realidade de muitos alunos é ter pais negligentes ou que possuem trabalhos perigosos e vivem em lugares onde a violência é comum. Uma funcionária relatou que havia um aluno que estava repetindo o ano de propósito, não queria sair da escola nunca, pois era um lugar que se sentia bem. Para muitos que ali estudam, a instituição serve como uma fuga da realidade doméstica, um lugar para esquecer dos problemas, um alívio psíquico.

Rumando ao desfecho do estágio um aluno tentou suicídio. A sua professora, que notou seu comportamento quieto e introspectivo, decidiu confrontá-lo para entender se algo havia acontecido com ele, quando ele mostrou cortes no pulso. A partir disso ele foi até a diretoria onde tiveram uma conversa privada e depois foi levado a um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial).

No dia seguinte, pude presenciar algo muito positivo na escola, o diretor e os professores reuniram os alunos para poder conversar sobre saúde mental, fizeram questão de deixarem os discentes confortáveis para pedir ajuda e desabafar ali mesmo ou mais tarde na privacidade da sala da direção. Esse momento foi o que me inspirou para fazer o projeto de intervenção do estágio. Meu projeto consiste em promover e democratizar os espaços de fala, fortalecendo o sentimento de grupo e produzindo um ambiente seguro para resolver conflitos de maneira saudável. Como forma de embasamento teórico, usei o capítulo “Por uma política da narratividade” escrito por PASSOS e BARROS (2015), onde é descrito que todo problema individual compõe um problema social, enfatizando o poder do coletivo, ao dar esse olhar às discussões coletivas que já ocorrem na escola, podemos lidar com os problemas de forma diferente.

Infelizmente não pude efetivar o projeto, mas desenvolvi ele de uma maneira que pudesse ser mediado até mesmo por um professor, não necessariamente atrelado ao estágio de Psicologia, já que a escola parecia muito interessada em alguma intervenção que ajudasse aos alunos. Dessa forma, ainda não há resultados do projeto, apenas da prática de observação participante na escola. Durante a realização do estágio alguns alunos se mostravam curiosos e até um pouco desconfiados com a minha presença, o que fez com que agissem com timidez inicialmente, mas com o tempo alguns estudantes me procuraram para serem escutados, pois era o eu podia fazer por eles no momento, o que demonstra que apenas a presença de um observador pode gerar pequenas transformações no ambiente.

4. CONCLUSÕES

Chego a conclusão que a escola, assim como outras instituições, é influenciada pela sociedade, mas também atua sobre a mesma, conservando certos costumes e modificando outros. Sendo um dos primeiros espaços sociais a qual frequentamos em nossas vidas, acredito que devemos ter uma atenção especial a ela, pensando em novos jeitos de melhorar essa sociedade. Além de darmos mais valor e respeito àqueles que se dedicam a lecionar e entrar em contato com os cidadãos que farão o futuro.

Também gostaria de enfatizar que as ações tomadas pela escola em relação ao aluno que tentou suicídio e aos outros estudantes foram exemplares, no sentido de trabalhar articuladamente com um serviço de saúde mental e também de abrir um canal de escuta para todos os estudantes. Sabemos que é comum nas escolas haverem alunos com problemas de saúde mental, e muitas vezes os pais ou o estudante, seja criança, adolescente ou adulto, precisam de um estímulo para pedir ajuda e buscar acompanhamento profissional. Escolas são ambientes de transformação, mas também precisam acompanhar as mudanças ou até mesmo começar um novo jeito de ver e fazer o mundo. Fortalecer os espaços coletivos é uma forma interessante de tomar essa tarefa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. *Corpos dóceis* in: **Vigiar e punir**. 20. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda; 1999. p. 155- 189.

LANE, S. **O que é psicologia social**. 22. ed. São Paulo: Braziliense, 2006. 79 p.

PASSOS, E.; BARROS, B. M. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; DA ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto alegre: Sulina, 2015. p. 150-172.

LAPO, Flavinês Rebolo; BUENO, Belmira Oliveira. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , n. 118, p. 65-88, mar. 2003. Acessado em 14 set. 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742003000100004&lng=pt&nrm=iso>.

WELZER-LANG, DANIEL. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. Acessado em 14 de set. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200008&lng=en&nrm=iso>.